

A desumanização do comer

DANTE MARCELLO CLARAMONTE GALLIAN

EM TORNO do ato de comer, os homens, em inúmeras culturas e em todas as épocas, foram constituindo alguns dos procedimentos, rituais, imagens e símbolos mais fortes e eloqüentes da história da humanidade. A partir desse ato fundamental, fruto da necessidade mais premente da vida, desenvolveram-se práticas e costumes que muitas vezes fundam e dão identidade às diversas sociedades e tradições, o que permite traçar uma relação direta entre a essencialidade da vida individual e a essencialidade da vida coletiva ou da humanidade.

Desde os tempos mais remotos da história do gênero humano, o ato de comer esteve associado a múltiplos significados que transcenderam a mera satisfação de uma “necessidade fisiológica”. Hoje, podemos dizer que comemos para sobreviver, mas, historicamente, em inúmeras tradições, comer sempre foi muito mais do que uma condição de sobrevivência.

É interessante notar que o ato que talvez mais nos aproxime dos outros animais seja exatamente aquele que recebeu, por parte de nossos antepassados, o maior cuidado, a maior importância ao longo da história. Nas cavernas pintadas pelos homens do Paleolítico, a representação de cenas de caça relaciona as origens da arte e da magia com a alimentação, e, nos cultos e rituais mais antigos dos quais temos notícias, o ato de comer desempenhava sempre um papel central. Foi *comendo* do fruto proibido que, segundo a tradição judaico-cristã, o gênero humano perdeu sua condição original de bem-aventurança, e é de novo sob a forma de *comida* que Deus oferece a reintegração, a salvação (cf. *A Bíblia de Jerusalém*, 1989).

Nos livros proféticos e sapienciais dessa mesma tradição, a lei muitas vezes é simbolizada por um livro que é *comestível* e que, por vezes, *sabe a mel* e, por outras, *a fel*, de acordo com a condição daquele que o saboreia. Visitando os mais diversos registros históricos de inúmeras tradições e culturas, pode-se perceber que comer sempre foi algo muito mais amplo e profundo do que simplesmente suprir uma necessidade fisiológica. E isso não só porque ao alimento se associaram sempre muito mais significados que os meramente físico-químicos, mas também porque ao ato de comer se associou sempre a idéia de *refeição*, de *reunião*.

Alguns dos acontecimentos e idéias mais importantes e marcantes da história da civilização ocidental estão inseridos em contextos de *refeições* ou *banquetes*. Pensemos, por exemplo, na última ceia de Jesus com seus apóstolos, tal como está narrado nos Evangelhos (cf. Mt 26,26-28; Mc 14,22-24; Lc 22,19-20; 1Cor 11,23-25) e no *Symposium* ou *Banquete* de Platão (2001), onde algumas das idéias mais caras à filosofia ocidental estão sendo propostas. São dois marcos fundamentais na história da espiritualidade e do pensamento, e não se

pode dizer que o fato de ocorrerem em meio a uma refeição seja mero acidente. De acordo com os relatos evangélicos, Jesus concebe aquela última ceia como um momento decisivo na transmissão de sua doutrina e na revelação da sua missão espiritual. É nessa ceia que ele lava os pés dos apóstolos e institui o ritual da eucaristia; despede-se de seus amigos e deixa seu testamento. E Platão recorre a esse contexto profundamente significativo para o homem helênico, pelo menos desde os tempos homéricos, para *provocar* a discussão sobre o tema antropológico fundamental: o amor.

O entrelaçamento dessas duas tradições, helênica e judaico-cristã, vai reforçar o papel proeminente que o *banquete* ou a *refeição* desempenhará na história da nossa cultura. Seja associada ao contexto religioso – a missa cristã, até os dias de hoje, não deixa de ser, fundamentalmente, um *banquete*, o *banquete eucarístico* – seja ao filosófico – os congressos e simpósios guardam essa mesma relação pelo menos no nome –, a *refeição* será sempre uma das formas mais recorrentes de congregação, de transmissão de idéias, valores, verdades, de *comemoração*. Ou seja, a *refeição* acabou por se constituir, em grande parte das culturas e civilizações, num *espaço privilegiado de experiência do humano e de humanização*. Isso porque no contexto da uma autêntica refeição, tal como ela foi se constituindo historicamente, propicia-se a possibilidade de um envolvimento integral da pessoa em suas mais amplas e diversas dimensões. Vejamos.

Em primeiro lugar, a *refeição* – ato de comer humanizado por excelência – envolve sem dúvida o corpo, na medida em que sua existência se deve ao seu serviço. A *refeição* existe para alimentar o corpo, mas não apenas de *comida*. Uma verdadeira *refeição* deve antes de tudo *alimentar* os sentidos: a vista, o olfato, o tato e, claro, o paladar. Ela deve, pois, envolver o corpo como um todo, convidando a experimentar sensações e provocando o exercício do discernimento. Nesse sentido, como bem apontam os antigos manuais de culinária e de cultura gastronômica, o *banquete* é sempre uma “escola dos sentidos”. Antes de comer é preciso apreciar com os olhos, sentir o aroma, a textura e saborear, discernindo bem as características, os *acidentes* dos diversos ingredientes e condimentos. Toda verdadeira *refeição*, seja simples seja mais sofisticada, *significa, comunica e evoca algo* que é preciso decifrar e identificar.

E, nesse sentido, a *refeição* acaba por envolver também não apenas a dimensão da sensibilidade, mas igualmente a da afetividade e da inteligência humanas. Essa experiência de contemplação e de saboreamento levando ao movimento do discernimento envolve a memória, a imaginação; enfim, a inteligência como um todo, relacionando sabor à sabedoria em seu sentido mais amplo. É por isso que se pode dizer que comer é também uma forma de conhecer. Desde que se coma inteligentemente; *humanisticamente*, diria Montaigne.

Dentro desse contexto, é importante mencionar a relação intrínseca que existe entre a dimensão – podemos dizer – estética e a dimensão ética da *refeição*. De acordo com a máxima clássica, também no universo da gastronomia o belo e o bem andam sempre juntos: uma bela refeição deve necessariamente ser uma

refeição saudável. Em *O banquete* de Platão, surge a inspirada sugestão de que se equilibrasse o consumo de comida e bebida com as exposições de discursos, para que uma atividade não prejudicasse a outra. E são muitas as prescrições que vamos encontrar em livros e manuais como os de Cassian (1985, cap. XXXI-XXXVIII), por exemplo, em que se recomenda não apenas a frugalidade nas refeições, mas também a presença de alimentos essencialmente benéficos para o corpo e para o espírito, facilitando assim a vida espiritual contemplativa.

É em sua dimensão ética que a *refeição* entrelaça as diversas esferas da experiência humana individual – a experiência dos sentidos, dos afetos e da inteligência – e, ao mesmo tempo, se apresenta também como espaço de encontro, de transcendência dessa mesma experiência individual. Aqui a *experiência do humano, da humanização* se completa e se abre. Isso porque, na autêntica *refeição*, se compartilham não apenas os alimentos, mas também e principalmente as experiências, as impressões, as idéias; enfim, as próprias pessoas que dela fazem parte.

Voltemos aos exemplos citados, referenciais na história do Ocidente. Como vimos, é durante um banquete em homenagem a um poeta que Platão expõe e confronta, por intermédio dos diversos comensais que dele fazem parte, as principais idéias e valores a respeito de Eros, permitindo, por meio dessa estratégia, firmar a concepção socrática – ou melhor, platônica – desse tema fundamental. Durante o *Symposium* as diversas personagens entregam o melhor de si, o que de mais profundo e essencial guardam em seu interior. E, enquanto alimentam o corpo, os comensais de Platão alimentam também e principalmente o coração e o espírito.

Na ceia de Jesus com os apóstolos, tal dimensão se torna ainda mais eloquente, pois, além de alimentar os discípulos com palavras, o Mestre se dá a si mesmo como alimento, entregando sua carne em forma de pão e seu sangue em forma de vinho. A partir de então, será quase impossível desvincular a imagem do *banquete*, da *refeição* da idéia de entrega e compartilhamento. A *refeição* desenha-se como um encontro; um encontro em que não apenas se vem para *tirar*, mas também para *se dar*.

São essas, sem dúvida, as imagens arquetípicas que, pelo menos na tradição ocidental, acabariam por configurar a concepção da *refeição familiar* e da *refeição de amizade*, a *refeição entre amigos*.

Durante muitos séculos e até nossos dias – infelizmente cada vez menos –, a *refeição* apresenta-se como o centro essencial da vida familiar. É em torno da mesa da cozinha ou da sala de jantar que a vida familiar costumava girar. Em torno da mesa, por ocasião da *refeição*, todos os membros se reuniam, e enquanto se serviam e se alimentavam da mesma comida, serviam uns aos outros de suas histórias, experiências, idéias. Era nesse momento e nesse contexto que se estreitavam os laços ou se explicitavam as distâncias. Era o momento de os mais velhos destilarem seus conselhos, transmitirem seus valores, e os mais jovens contarem as últimas novidades. Eis por que o momento das *refeições* estava revestido de

um caráter central e solene na vida familiar. Era um dos poucos eventos, talvez o único, que tinham hora certa, pelo menos para começar. Invariavelmente era longo – e quanto mais longo, melhor. Os pratos iam se sucedendo assim como os assuntos e as conversas. Boa parte das memórias afetivas daqueles que viveram esse tipo de contexto familiar estão vinculadas a esses momentos transcorridos em torno da mesa.

Analogamente, assim também se pode dizer das *refeições entre amigos*. Ainda hoje o encontro de amizade se associa quase invariavelmente com a *refeição*, assim como o encontro amoroso. Continua presente em nossos hábitos convidar para um almoço aquele grande amigo com o qual gostaríamos de estar mais amiúde, para podermos desafogar nosso coração e também enchê-lo com suas palavras e conselhos. E, da mesma forma, o jantar a dois ainda segue sendo a fórmula mais apreciada para a troca de confidências e declarações amorosas, seja no início do namoro seja para comemorar longos anos de união matrimonial.

Espaço privilegiado de experiência integral do humano no plano individual – na perspectiva dos sentidos, dos afetos, da inteligência e da vontade – e também no plano relacional, a *refeição* apresenta-se, portanto, como *evento humanizador* por excelência. Escola dos sentidos, a *refeição* se constitui também em escola de relacionamento, de convivência.

Toda essa realidade, entretanto, vem se modificando rápida e profundamente. O desenvolvimento do capitalismo industrial, financeiro e empresarial, repercutiu fortemente nos costumes e hábitos sociais, principalmente nos grandes centros urbanos. A conversão do tempo em dinheiro e da vida em um circuito fechado de produção e consumo tem determinado um processo radical de desumanização. Para manter a produção em massa em escala crescente, é preciso uma massa consumidora não só cada vez maior, mas também cada vez mais automatizada. Nesse sentido, *comer*, que, como vimos, historicamente foi se constituindo num ato humanístico e humanizador por excelência, no contexto da sociedade capitalista pós-moderna, foi se transformando em um ato de consumo. Comer, além de se constituir numa necessidade de sobrevivência – imprescindível para manter a máquina de produção e consumo funcionando –, apresenta-se agora também e fundamentalmente como um grande negócio; um “hábito” capaz de gerar milhões e milhões em lucros e dividendos.

Nesse contexto, a experiência da *refeição* vem se modificando fortemente. Já não há mais tempo para preparar e muito menos para saborear os alimentos, portanto a dinâmica agora é “mandá-los goela abaixo” o mais rápido e o menos refletidamente possível. Na “refeição” *fast food* não há o que discernir ou adivinhar; ela não é mais uma “escola dos sentidos”, nem muito menos uma “escola de relacionamento”. Ela nada mais é do que o produto de uma cadeia industrial, onde os ingredientes industrializados são combinados de forma padronizada por máquinas e operários absolutamente impessoais, que não querem nem podem comunicar ou significar nada a não ser o consumo pelo consumo. O ambiente

pseudo-acético, destituído de acolhimento, com ruído em vez de música ambiente, convida não ao encontro de pessoas e idéias, mas de estômagos e de compulsões juvenis que rapidamente se saciam. Em vez de “escola”, a “refeição” *fast food* é bem mais um “campo de treinamento”, muito adequado, aliás, para a tarefa de alienação necessária para a manutenção de uma sociedade de consumo indiscriminada.

Tal experiência desumanizadora do comer se projeta dos “campos de treinamento” para as casas, para a intimidade dos lares, onde também se pode observar esse fenômeno de embrutecimento e automatização. A refeição agora, em vez de se dar em torno da mesa, dá-se em torno da televisão. A comida, antes preparada, é simplesmente aquecida e tem sempre o mesmo sabor – o que, aliás, não faz diferença alguma, pois nesse processo o sabor não desempenha mais um papel desafiador. A refeição deixou de ser escola e deixou de ser encontro. O comer se desumanizou, para se tornar um ato de consumo automatizado.

Diante de tudo isso, não são poucos aqueles que se alçam e denunciam todo esse processo desumanizador e suas conseqüências desastrosas do ponto de vista da cultura e da saúde pública. Além dos adeptos da alimentação saudável, apresentam-se também os defensores da alimentação humanizada e humanizadora, porém é preciso analisar toda essa movimentação com olhar crítico. Os *gourmets* e os propagandistas do *slow food*, cada vez mais em moda, nem sempre estão conscientes de como, muitas vezes, acabam reproduzindo a dinâmica consumista travestida de sofisticação. A *refeição humanizadora* não se identifica ou se reduz ao *refinamento*, apanágio dos setores mais privilegiados da sociedade.



Sentada sozinha na entrada do prédio do McDonald's, em Pequim, na China, mulher come comida fast food.

Ela, como vimos, demanda a participação do homem todo e por isso pressupõe um processo educativo. Mas tal educação não pode nem deve ser elitista. Ela deita raízes profundas na cultura e na civilização e está profundamente ligada à constituição dos laços mais elementares entre os indivíduos. Insistir no resgate e na revitalização do comer humanizado, da *refeição humanizadora*, é trabalhar e investir em prol não apenas da saúde dos indivíduos e das sociedades, mas da própria humanidade. Reumanizar o ato de comer na refeição apresenta-se, portanto, como tarefa essencial no exigente e amplo esforço de reumanização da cultura.

Referências bibliográficas

A Bíblia de Jerusalém. Nova edição revista. São Paulo: Paulinas, 1989.

CASSIAN, J. *Conferences*. Transl. and pref. by Colm Luibheid; introd. by Owen Chadwick. New York: Paulist Press, 1985.

PLATÃO. *O banquete*. Lisboa: Edições 70, 2001. (Coleção Clássicos Gregos e Latinos).

RESUMO – Considerando o “ato de comer” como *ato humano e humanizador* por excelência, este artigo procura traçar a trajetória histórica do fenômeno da refeição na tradição ocidental, partindo de referenciais culturais judaico-cristãos – a *Bíblia* – e helênicos – O *banquete* de Platão –, e analisar o processo de sua desumanização no contexto da sociedade industrial pós-moderna, assim como seus efeitos na cultura.

PALAVRAS-CHAVE: Alimentação, Refeição, História da alimentação, Humanização/desumanização.

ABSTRACT – Considering the “act to eat” as human act *par excellence*, this article looks for to trace the historical trajectory of the phenomenon of the meal in the occidental tradition, starting of cultural referenciais Jewish-Christians – the *Bible* – and Greek – Platos *Symposium* – and to analyze the process of its inhumanization in the context of the after-modern industrial society, as well as its effect in the culture.

KEYWORDS: Food, Meal, Feed, Food’s history, Humanization/inhumanization.

Dante Marcello Claramonte Gallian é doutor em História Social pela FFLCH-USP, docente e diretor do Centro de História e Filosofia das Ciências da Saúde (CeHFi) da Unifesp e professor visitante no Centre de Recherches Historiques da École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS) de Paris, France. @ – dante.cehfi@epm.br

Recebido em 7.5.2007 e aceito em 21.5.2007.